

ARTIGO

METODOLOGIA GESTALTIFICATIVA:

O que se quer dizer quando se fala em uma metodologia gestáltica. Gestética. Gestática. Gestaltificativa.

METHODOLOGY GESTALTIFICATIVA:

What is meant when we talk about a methodology Gestalt-tica. Gestética. Gestática. Gestaltificativa.

Afonso Henrique Lisboa da Fonseca

RESUMO

A metodologia gestáltica, gestaltificativa, gestática – já que se trata eminentemente de ação – consiste simplesmente em condescender afirmativamente com a vivência ativa da experiência e da experimentação ontológicas, com a vivência da experiência fenomenológico existencial e dialógica, compreensiva e implicativa, característica do modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial e dialógico, e com sua intrínseca atividade gestaltificativa, com a sua intrínseca característica de vivência de desdobramento compreensivo e implicativo de possibilidades. Consiste, assim, na condescendência, na verdade, numa afirmação da afirmação, da vivência das características fenomenológico existenciais e dialógicas próprias da ação compreensiva e implicativa, de seu caráter ativo, afirmativo, de desdobramento compreensivo de possibilidades, com o seu caráter experimental e hermenêutico, com o seu caráter compreensivo, implicativo, gestáltico, fenomenológico existencial e dialógico.

Palavras-chave: Metodologia gestáltica, Fenomenologia, Cognição e Epistemologia.

ABSTRACT

The methodology gestalt, gestaltificativa, gestática - since it is eminently action - is simply to indulge in the affirmative with the active experience of ontological experience and experimentation, with the experience of existential phenomenological experience and dialogue, buy ensiva and implicative, the característica ontological way of being, existential phenomenological and dialogical, and its intrinsic activity gestaltificativa, with its intrinsic characteristic of deployment experience and understanding of implicative possibilidades. Consiste thus in indulgence, in truth, of a statement of claim, the experience of existential phenomenological and dialogical características own understanding and action implicative, your active character, so, of unfolding understanding of possibilities, with your character experimental and hermeneutics, with its comprehensive character, implicative, gestalt, existential and phenomenological dialogical.

Keywords: Methodology gestalt, Phenomenology, Cognition, Epistemologia.

INTRODUÇÃO

A metodologia gestáltica, *gestaltificativa*, *gestática* – já que se trata eminentemente de ação – consiste simplesmente em condescender afirmativamente com a vivência ativa da experiência e da experimentação ontológicas, com a vivência da experiência fenomenológico existencial e dialógica, compreensiva e implicativa, característica do modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial e dialógico, e com sua intrínseca atividade gestaltificativa, com a sua intrínseca característica de vivência de desdobramento compreensivo e implicativo de possibilidades.

Consiste, assim, na condescendência, na verdade, numa afirmação da afirmação, da vivência das características fenomenológico existenciais e dialógicas próprias da ação compreensiva e implicativa, de seu caráter ativo, afirmativo, de desdobramento compreensivo de possibilidades, com o seu caráter experimental e hermenêutico, com o seu caráter compreensivo, implicativo, gestaltístico, fenomenológico existencial e dialógico.

1. A CONSCIÊNCIA – COGNIÇÃO --, A AÇÃO ESPECIFICAMENTE PRÉ REFLEXIVA, E A RE-FLEXÃO.

A **consciência reflexiva, teórica, representativa**, tem como condições o sujeito e o objeto, e a dicotomia entre ambos. Na medida em que a consciência teórica se dá como a contemplação que o sujeito faz de um objeto.

Mais do que isto, a **consciência teórica** se dá no modo de sermos do **acontecido**. No qual se constituem como tais o sujeito e o objeto, como acontecidos, como coisas. E as condições da reincidência (*re-flexão*) da consciência do sujeito coisa sobre o objeto coisa. Que se constitui como o que chamamos de *reflexão*. A *re(a)apresentação*. Teoria.

A consciência e a ação pré-reflexivas, fenomenológico existenciais e dialógicas, compreensivas e implicativas, são o modo de sermos da vivência do **acontecer**. São o modo de sermos da vivência compreensiva de forças, vivência de *possibilidades*, que se desdobram, e se constituem como consciência e ação especificamente pré-reflexivas, como cognição fenomenológico existencial e dialógica, implicativamente gestáltica.

Como tal, especificamente, não são o modo de sermos do *acontecido*. Mas o modo de sermos do *acontecer*. Não são *re-flexão*, não são da ordem da *re(a)apresentação*, mas *apresentação*. São, na *atualidade*, a *presentificação* do *presente*. A ação e a consciência pré-reflexivas.

O *reflexivo, teórico, acontecido*, com suas condições do sujeito e do objeto, decorre em seguimento ao *acontecer*, à momentaneidade instantânea do pré reflexivo.

O *reflexivo, teórico, acontecido*, é, assim, a exaustão do desdobramento compreensivo de possibilidades, que escoar para a coisidade instalativa. Cósidade esta que caracteristicamente já se constitui na ausência do desdobramento de possibilidades. Característica esta ausência da *instalação* do acontecido, em sua coisidade instalativa.

É esta coisidade instalativa do acontecido que se constitui, com a consumação da vivência do desdobramento das possibilidades, como a condição do sujeito, e do objeto, como coisas instaladas.

E como a condição da relação teórica e reflexiva inerte, entre sujeito e objeto. Relação predominantemente sem ação, mera repetição, re-incidência repetitiva e repetitiva do sujeito sobre a coisidade do objeto.

Até que, em sua virtualidade, a coisidade instalativa, o sujeito e o objeto, posam, por uma disposição estética, ser novamente infundidos de possibilidades, e perspectivação. E se reconstituem intensionalmente como ação, como o ator, e como cognição fenomenológica, existencial, dialógica, compreensiva, e implicativa.

2. A CONSCIÊNCIA, A COGNIÇÃO, PRÉ-REFLEXIVA É TODA ELA AÇÃO. A AÇÃO É, TODA ELA, CONSCIÊNCIA, COGNIÇÃO PRÉ-REFLEXIVA, COMPREENSIVA E IMPLICATIVA, FENOMENOLÓGICA.

A consciência, a cognição, pré-reflexiva, fenomenológica – porque é, própria e especificamente, disto que se trata, no modo pré-reflexivo de sermos, de consciência, de cognição -- é, simultânea e intrinsecamente, toda ela, **ação** -- especificamente. Consciência, cognição, ação, fenomenológicas e existenciais e dialógicas. Compreensivas e implicativas, gestaltificativas.

A consciência pré-reflexiva, fenomenológica, e existencial, se constitui como vivência de *possibilidades*. As possibilidades são *forças*; a força de tudo que acontece, e devém como vivência fenomenológica. Como potências, como forças (Deleuze)¹, as possibilidades existem em seus desdobramentos; e intrinsecamente constituem os seus desdobramentos como consciência pré-reflexiva.

Os desdobramentos compreensivos das possibilidades é o que chamamos de **ação**.

As forças, fenomenologicamente vivenciadas – e que são forças plásticas, em suas intensidades; e não forças brutas --, só existem em desdobramento, como observa Deleuze². E, assim, se constituem como consciência pré-reflexiva.

¹ DELEUZE, Gilles *Nietzsche e a Filosofia*, Rio, Ed. Rio, 1975. p. 36.

² DELEUZE, Gilles *ibid.*

De modo que a consciência e a cognição pré-reflexivas, fenomenológicas, são especificamente a vivência da ação, a vivência do desdobramento de possibilidades. O desdobramento de possibilidades se constitui, todo ele, como cognição; pré-reflexiva, fenomenológica, e existencial; como *fenomeno logos*; como *fenomeno*. Que é, assim, a vivência fenomenológico existencial e dialógica da ação, compreensiva e implicativa.

Assim, a consciência pré-reflexiva, fenomenológico existencial, e dialógica, compreensiva e implicativa, é, toda ela, vivência do desdobramento de possibilidades. Própria e especificamente, a vivência da ação compreensiva e implicativa.

3. LÓGICAS (vivências de sentido), A CONSCIÊNCIA E A AÇÃO PRÉ REFLEXIVAS SÃO EPISTEMOLÓGICAS, FENOMENOLÓGICAS (EXISTENCIAIS), DIALÓGICAS, ONTOLÓGICAS.

São *lógicas*, a consciência e a ação pré-reflexivas, em termos de que, própria e especificamente, são vivência de **sentido** (de *Logos*). São, enquanto tais, própria e especificamente conhecimento, conhecer.

Naturalmente que **não** o conhecer e o conhecimento reflexivo, teórico, *explicativo*. Mas o conhecimento propriamente **pré-reflexivo**, *implicativo*, *compreensivo*, *fenomenológico existencial*, *dialógico*. *Ontológico*.

Heidegger³ observa que o sentido do termo *logos* em Fenomenologia é diferente do sentido que se lhe é dado no objetivismo; quando, por exemplo, se fala do significado do termo *Biologia*. *O estudo do Bios*, o estudo da vida.

O *logos* em *Fenomenologia* jamais significa o estudo do *fenomeno*. Estudo que mais propriamente significaria o ponto de vista de uma perspectiva reflexiva, teórica, explicativa. Especificamente reflexiva e explicativa. Da contemplação que um sujeito faz de um objeto. Dialógico, na fenomenológica vivência da ação, o ator, não contempla um objeto. Da mesma forma que não é um sujeito, um dos antípodas na cisão sujeito-objeto, característica do modo de sermos do acontecido. Na ação o ator vivencia o modo unificado de sermos, à parte, e que não é o modo da dicotomia sujeito-objeto.

Em Fenomenologia, ontológica, o *logos* especificamente significa **sentido**. **Fenomenologia** é o **sentido próprio do fenomeno**. Já que o *fenomeno* é, enquanto vivência compreensiva e implicativa do desdobramento de possibilidades, enquanto *compreensão e ação*, todo ele, impregnação de sentido, cognição e consciência pré-reflexivas, especificamente. Em seu desdobramento, como *ação*, as possibilidades se constituem como *sentido*, como *logos*. Como consciência e cognição pré-reflexivas, fenomenológicas, compreensivas, e implicativas.

³ HEIDEGGER, Martin *El Ser y el Tiempo*. Madrid, Fondo de Cultura Económica, 1984.

Logos, portanto, **sentido, desdobramento de sentido, que é a ação e a consciência, pré-reflexivas**.

A ação, o desdobramento compreensivo e implicativo, gestaltificativo, das possibilidades, a vivência pré-reflexiva, fenomenológico existencial e dialógica, compreensiva e implicativa, própria e especificamente, é, assim, **lógica, vivência de sentido, fenomeno-lógica, é dia-lógica, é onto-lógica...**

Especificamente **epistemológica**, portanto. O fundamento de uma ciência compreensiva, e implicativa. O modo fenomenológico existencial, dialógica, compreensivo e implicativo de conhecer.

A ação é, assim, **fenomenológica**, na medida em que é a emergência das possibilidades, e a constituição como sentido do desdobramento das possibilidades. Desde os seus níveis pré-compreensivos, transitando pelos seus desdobramentos ativos, compreensiva e implicativamente, cognitivos, *pré reflexivamente* conscientes; até a condição de sua instalação como coisa. *Curada* (em analogia à *cura* do queijo, por exemplo, à *cura* da carne do sol, à *cura* do concreto...).⁴

Além de própria e especificamente fenomenológica, a ação é **dialógica**.⁵

E é **dialógica** na medida, em específico, que a vivência fenomenológica se dá como a vivência cognitiva, fenomenológica, ontológica, da relação numa dualidade eu-tu. Que é a relação com o desconhecimento, paulatinamente cognoscível, dos sentidos de uma alteridade absoluta. *Uma fonte autônoma de produção de sentido*, como diria Husserl. *O outro. A outridade*.⁶

A relação com o desconhecimento paulatinamente cognoscível desta alteridade absoluta se dá no âmbito vivencial de uma *esfera do 'entre'*, da esfera do *inter*, que envolve o eu-tu.

É o âmbito de desvelamento **compartilhado** de sentido nesta *esfera do entre* que é o **dia** a que se refere o sentido de **dialógico**: o **compartilhamento do sentido**. Que se constitui enquanto tal *na movimentação dialógica eu-tu*, na qual, tanto *eu* como *tu*, o eu-tu, sempre, *presentes, atuais*, se remetem reciprocamente um ao outro **como sentido**. Como possibilidades que se desdobram e se constituem como sentido. Como consciência e ação, como cognição, *pré reflexivas*. Criando, como vinculação totalizante entre eles, desta forma, *a esfera do inter da vinculação dia-lógica, de compartilhamento de sentido*. Na momentaneidade instantânea da duração da cognição e da ação fenomenológicas.

A vivência pré-reflexiva, fenomenológico existencial e dialógica, a vivência ine

⁴ HEIDEGGER, Martin *El Ser y el Tiempo*. Madrid, Fondo de Cultura Económica, 1984.

⁵ BUBER, Martin *Eu e Tu*. São Paulo, Cortês, 1983.

⁶ PAZ, Octávio *El Arco e La Lira*. Fondo de Cultura, Mexico, 2002.

rente à ação, é, em específico, a vivência **ontológica**.

Somos seres, devires, especificamente **lógicos**. **Onto-lógicos**, portanto: *se res que, própria e especificamente, vivenciam sentido*, como sua característica distintiva. O sentido que nos é dado, implicativa e compreensivamente, como consciência pré-reflexiva, fenomenológico existencial e dialógica, com o desdobramento de possibilidades, como o desdobramento da ação.

Este **sentido** que vivenciamos como consciência pré-reflexiva é, especificamente, *onto-logos*, sentido **ontológico**.

Em todo este âmbito vivencial, da constituição do desdobramento da possibilidade como consciência pré-reflexiva, especificamente estamos, assim, no âmbito **epistemológico**, no âmbito do conhecimento, da cognição, e da consciência, propriamente ontológicas, pré-reflexivas, fenomenológico existenciais e dialógicas, compreensivas e implicativas.

Epistemológica a vivência compreensiva que é a consciência pré-reflexiva inerente inspectivamente à ação, além de *interpretação*, do tipo especificamente compreensivo, e implicativo, é uma epistemologia especificamente. Uma epistemologia ontológica, fenomenológico existencial e dialógica, compreensiva e implicativa. Um modo humano de conhecer. E ouçamos a Nietzsche⁷: *mesmo no conhecimento, eu só encontrei vontade de criar...*

4. A AÇÃO, COMPREENSIVA, IMPLICATIVA, GESTALTIFICATIVA, CONSCIÊNCIA PRÉ-RFLEXIVA, É COGNIÇÃO DIALÓGICA, NÃO OBJETIVA, NEM SUBJETIVA. É ANTERIOR À CONDIÇÃO DO SUJEITO, E DO OBJETO, E À DICOTOMIA SUJEITO-OBJETO

A vivência, a experimentação da ação, a condição do ator, fenomenológico existencial e dialógica; ação compreensiva e implicativa, gestaltificativa; não é experiência objetiva, nem subjetiva, é anterior ao modo de sermos da dicotomia sujeito-objeto. Não é teórica, nem prática; mas própria e especificamente dialógica, *poiética* – a criação pela atualização compreensiva de possibilidades.

Enquanto vivência do modo de sermos do *acontecer*, a vivência da ação não tem as condições próprias do sujeito e do objeto, e de sua dicotomização teórica. Modo de sermos do ator, *inspector*, o modo de sermos da ação com compreensiva, implicativa e gestaltica *não* é o modo de sermos do sujeito. Mas o modo de sermos do *ator*. O modo de sermos do sujeito e do objeto é, própria e especificamente, o modo de sermos que se constitui como coisidade instalativa, posteriormente à momentaneidade instantânea do desdobramento compreensivo de possibilidades, da ação fenomenológica; gestaltica.

Como modo de sermos de vivência do desdobramento de forças, do desdobramento de possibilidades, o modo de sermos da ação fenomenológica, com compreensiva, é *tensional*, é *intensional*. É vivido como uma *pressão*. Que se

⁷ NIETZSCHE, Frederich **Assim Falou Zaratustra**, Mira-Sintra, Europa-América, 1978

constitui em *ex-pressão*. Ou seja, que se constitui como uma vivência *tensional*, *intensional*, em *jato*; que se constitui em *jatção*, em *jeto* (Heidegger). *Pro jeto*. Que se explicita, que se *ex-pressa*.

O modo de sermos da ação fenomenológica é assim *jeto*, o próprio *jeto*, na presença e na atualidade intensiva, *intensional*, de sua expressão *Projeto*, *pro jatção*, *expressão*. É vivido no modo pré-coisa de sermos, o modo de sermos do presente. A ação compreensiva dá-se, assim, no presente, como *projeto*.

Não é, portanto, o modo de sermos do *sub-jeto*, do *ob-jeto*, e de sua dicotomização.

Própria e especificamente, o modo de sermos do *sub-jeto* e do *ob-jeto*, o modo de sermos que constitui o sujeito e o objeto, dá-se como *acontecido*, como coisa instalativa, com a exaustão da força expressiva da ação, com a exaustão e decaimento de sua força de possibilidade, com o seu decaimento (Heidegger), com a constituição da coisa em sua instalação. A coisa se constitui, assim, depois da condição da atualidade e da presença, depois da expressão do *jeto*, do *projeto*, como ação. Condição coisificada do *sub-jeto*, e do *ob-jeto*.

5. A CONSCIÊNCIA, COGNIÇÃO, E AÇÃO, PRÉ-REFLEXIVAS SÃO FENOMENAIS, SÃO FENOMENOLÓGICAS

Dado o caráter compreensivo e implicativo de vivência do desdobramento de possibilidades, o caráter de ato, de ação, e a sua intrínseca constituição como consciência, a partir do impulsionamento de seus níveis pré-compreensivos, a consciência pré-reflexiva, a cognição, a ação, é, própria e especificamente, **acontecer**. Diferentemente da consciência explicativa, teórica; e do comportamento -- que é um tipo de desconscienciação; que são o modo de sermos da experiência do **acontecido**.

O caráter de constituição como **sentido**, como consciência, como cognição, como ação, pré-reflexivas; a constituição compreensiva e implicativa cognitiva da ação, a partir de seus níveis pré-compreensivos; além de dar ao desdobramento compreensivo das possibilidades o seu caráter de *acontecer*, dá-lhe, também o seu caráter de **aparecimento** -- como consciência, como cognição, pré-reflexiva. Fenomenológico.

As possibilidades, em seus desdobramentos compreensivos e implicativos, a ação, são, assim, *aparecentes*, como consciência pré-reflexiva, como sentido. Em seus desdobramento como processo gestaltificativo de formação de figura e fundo, as possibilidades têm a condição de termos de uma linguagem pré-verbal, como observa Heidegger. Como fala e argumentação pré-verbais, como já observava Brentano.

Este *aparecer* das possibilidades em seus desdobramentos, como sentido, como consciência e cognição pré-reflexivas, é que se constitui, que aparece, como *fenômeno*.

Fenomeno que se dá como *logos*, e que é o *fenomeno logos* da Fenomenologia, enquanto ontológica e dialógica, enquanto ética, estética e poética, fenomenética.

A palavra Grega *phainomenon*, que dá origem ao termo e ao conceito de *fenômeno*, tem a conotação de *brilho*, de *aparecimento*. É a mesma que dá origem à palavra e ao conceito de *faísca*, por exemplo.

De modo que o fenômeno é o que se manifesta por si mesmo (Heidegger), que aparece e que *brilha* como consciência, como ação pré-reflexivas. Ou seja, que brilha como consciência no próprio acontecer de seu aparecimento.

E não como a repetição do acontecido da consciência reflexiva, teórica, explicativa.

Neste sentido é que a consciência e a ação pré-reflexivas, compreensivas e implicativas, são eminentemente fenomenológicas. Fenomenáticas. Fenomenéticas.

6. A VIVÊNCIA FENOMENOLÓGICA DA AÇÃO, DA CONSCIÊNCIA PRÉ REFLEXIVA, A VIVÊNCIA DO DESDOBRAMENTO COGNITIVO, COMPREENSIVO E IMPLICATIVO, GESTALTIFICATIVO, DE POSSIBILIDADES, É, PRÓPRIA E ESPECIFICAMENTE, O PRESENTE.

O **presente** é o modo de sermos da ação, da ação e consciência pré reflexivas. Modo de sermos do **acontecer**, da vivência do *acontecer*, enquanto modo de sermos da vivência de possibilidades, e da vivência do desdobramento de possibilidades. Modo *vivenciativo* de sermos.

Como forças, sempre em desdobramento, as possibilidades são finitas enquanto tais. Ao se finarem, ao *decaírem* (Heidegger), em suas forças, em seus desdobramentos, as possibilidades se **coisificam**, **Constituem-se instalativamente como coisas. Instalativas**. De modo que uma coisa, uma *não coisa*, *ação* (vivência), é a possibilidade, enquanto força em seu desdobramento compreensivo; e, outra **coisa**, a possibilidades realizada, atualizada, coisificada, instalada. Uma *não coisa* (vivência), *ação*, é a getaltificação enquanto vivência; outra coisa é a gestalt realizada, atualizada, coisificada.

A condição de coisa é a condição da possibilidade decaída, instalativa.

Não é inércia, não obstante, não é inerte. Porque ainda guarda em si o germe da possibilidade. Que se atualiza quando, mais uma vez, vivida esteticamente, pré-reflexivamente, fenomenológico existencial e dialogicamente, como ação, como possibilidade em desdobramento, no modo pré-objetivo e pré-subjetivo de sermos.

Na sua condição decaída de força, a coisa é ação lentificada, é *lentificação*. E é

isto que significa *instalação*.

Possibilidade decaída, lentificada, *instalação*, a coisa é designada pelos Gregos como a condição de *ente*. É o *ente*. A coisa que se constitui como instalação, com o desdobramento e exaustão da força de possibilidade da ação.

O *ente* decorre, assim, não só da anterioridade da ação, mas da própria condição de possibilidade da ação; que, no decurso de sua performance, de sua performance, a enforma, enforma a coisa, na sucessão de um processo, gestáltico, gestaltificativo, de formação de figura e fundo.

De modo que, se a coisa constituída, instalada, é o **ente**, o modo anterior de sermos da ação compreensiva, no qual a ação se desdobra cognitivamente -- como desdobramento pré-reflexivo de possibilidades, e que a condiciona, modo de sermos fenomenológico existencial e dialógico da ação compreensiva e implicativa --, é o modo de sermos **pré-coisa**, o modo de sermos **pré-ente**, o **presente** -- especificamente. O modo de sermos do **presente**.

O modo fenomenológico existencial de sermos, vivencial, fenomenológico existencial e dialógico, compreensivo e implicativo, modo epistemológico de sermos da consciência, da ação, pré-reflexiva, é o modo de sermos, portanto, do **presente**.

7. O PRESENTE, A PRESENÇA, SÃO ATUAIS, ESPECIFICAMENTE SÃO A ATUALIDADE, E SÃO EXPERIMENTAIS. FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAIS, DIALÓGICOS, EXPERIMENTAIS.

O *presente* a *presença* são, não só, eminentemente *atuais*, como são eminentemente *experimentais*.

É no modo vivencial de sermos do presente, fenomenológico existencial e dialógico, compreensivo e implicativo, que se dá a vivência de possibilidades, e a vivência do desdobramento de possibilidades, em que se constitui a ação. O modo de sermos do presente é o modo de sermos da ação, é o modo de sermos do ato, da atualização, da atualidade.

A ação, como desdobramento de possibilidades, é eminentemente experimental, no sentido fenomenológico existencial. A ação é dialógica. Vinculação entre *eu* e um *possível* que se desdobra a partir da alteridade pré-compreensiva e radical de um *tu*.

O que quer dizer que a ação, o desdobramento de possibilidades, demanda o correr o risco da incerteza, o tentar e o atentar-se pela possibilidade do incerto, pela incerteza do possível.

Esta disposição de *tentar*, este afirmar a infirmeza do desdobramento do possível incerto, e, portanto, arriscado; esta disposição de correr o risco de afirmação da incerteza possível, potente, é o que dá sentido ao radical do verbo *pe*

rire, em Grego. Que significa *arriscar, tentar*.

Radical, *perire*, que dá origem, em Português, a palavras e conceitos, especificamente fenomenológicos, de *experimentação*, de *empírico*; e a palavras como *respiração, pirata, piração, perigo*.

De modo que, **atual**, o **presente** é eminentemente, própria e especificamente, **empírico** (no sentido fenomenológico), e **experimental. Perigante. Empírico** quer dizer *sem teoria*. E, junto com a *experimentação fenomenológica* envolve o *tentar* e *arriscar* a incerteza da atualização do possível. Do desdobramento compreensivo e implicativo de possibilidades.

A consciência e ação pré-reflexivas, fenomenológico existenciais e dialógicas, compreensivas, gestaltificativas e implicativas, são, assim, própria e especificamente, **atuais. Presentes. Empíricas. E experimentais**.

8. A CONSCIÊNCIA, A COGNIÇÃO, E A AÇÃO, PRÉ-REFLEXIVAS, FENOMENOLÓGICAS, O PRESENTE E A PRESENÇA, SÃO COMPREENSIVOS, IMPLICATIVOS, GESTALTATIVOS

Compreensão, implicação, gestaltificação são termos e conceitos sinônimos, do ponto de vista gestáltico. São termos e conceitos que se referem à característica organiz/ação integrada e fluente da consciência pré-reflexiva, da ação, fenomenológico existencial e dialógica, compreensiva, e implicativa, em totalidades significativas, que se sucedem como o processo de formação de figura e fundo da vivência da criação, e como a criação objetiva da coisidade instalativa do mundo.

O primeiro dado é o de que a **consciência pré-reflexiva** se organiza como um fluxo de integr/ações de multiplicidades de possibilidades. Na verdade, o que chamamos de *possibilidade* é unific/ativa, mas não é única. A vivência de possibilidade é a vivência integrada, a vivência da integr/ação de multiplicidades de forças, de multiplicidades de possibilidades. Que se unificam formativamente, a partir da interação das forças de suas dominâncias, como vivência dos processos de formação de figura e fundo.

Cada possibilidade vivenciada se constitui, em seu desdobramento, assim, como consciência pré-reflexiva, gestaltificante, compreensiva, implicativa.

Forças, *sentido, vivências de sentido* (logos), as possibilidades, competem e *argumentam* entre si. De modo que vão organizando suas dominâncias, segundo suas hierarquias plásticas, num processo vivencial de *formação*, de *per formação*, de *per-formance*, de *per-feição* (*perfeição*, um modo de fazer), de *per-feccionamento*, de figura e fundo. Que é o fluxo da consciência pré-reflexiva. Que é o fluxo da ação. Ação que é consciência e conscientização pré-reflexivas. Este é o processo de formação de gestalts, o processo de formação de figura e fundo, a *implicação* (*implic-ação*), a *compreensão*, a *gestaltificação*, a partir dos fluxos cognoscíveis da ação, dos desdobramentos das

possibilidades.

A consciência e a ação pré-reflexivas, desdobramento gestáltico, implicativo, compreensivo, de possibilidades, pode ser de dois tipos: (1) *meramente cognitiva*, ou (2) prolongar-se muscularmente, como *consciência pré-reflexiva e ação cognitiva e muscular*. De modo que a ação pode ser meramente cognitiva, ou cognitiva e muscular.

A designação de *gestaltificação* para o fluxo de organiz/ação da consciência, ação, pré-reflexiva buscou, de um modo muito fértil, captar o processo de organiz/ação do fluxo vivencial de integração da vivência das possibilidades em seus desdobramentos como ação. Na sua vivência, as possibilidades se dão como *gestalts*. Como totalidades significativas. *Totalidades significativas, gestalts*, compostas, enquanto tais, por outras totalidades significativas, por outras *gestalts*. Todas as totalidades significativas são compostas por outras possibilidades, por outras totalidades significativas, na sucessão interminável dos processos de formação de figura e fundo.

Na vivência cognitiva da organiz/ação, na *gestaltific/ação*, da dominância de suas forças plásticas, *poiéticas*, as possibilidades, enquanto consciência e ação pré-reflexiva, dão-se **antes**, como tais, como totalidades significativas, como *gestalts*.

Totalidades significativas que são, na sua organiz/ação plástica, diferentes da soma de suas partes. Sucessivamente, as *gestalts* partes vão então, posteriormente, *figurando*, contra o fundo de seu conjunto, nos processos de *figuração*, de *configuração*: de formação de figura e fundo.

A vivência imediata da **multiplicidade** organiz/ativa de possibilidades, gestáltica, na constituição da consciência e da ação pré-reflexivas, fenomenológico existenciais e dialógicas, é o que podemos chamar de **plexo**. **Plic**, originalmente, no Grego. **Plic é plexo**. Que vai dar origem a termos como *complexo*, *múltiplo*, *plural*, e, sobretudo, *perplexo*, *perplexidade*, dentre outros. A raiz **plic** referia-se, originalmente, ao *entrançamento* da crina e do rabo dos cavalos. **Multiplicidades** organizadas.

Como se a vivência articulada de possibilidades, no fluxo da momentaneidade instantânea da consciência e da ação pré-reflexivas, fosse uma *entrançamento*. Esta vivência é a vivência do **plexo**, do **plic**.

Na imediaticidade desta vivência pré-reflexiva do **plexo** estamos na **implicação**.

A **compreensão** tem o mesmo sentido que *gestaltificação*, e que *implicação*. A *compreensão* -- *gestaltificação*, *implicação* -- é a capt/ação cognitiva, *gestaltific/ativa*, abrangente, dos sentidos pré-reflexivos dos plexos da multiplicidade de possibilidades, nas organiz/ações de suas dominâncias. A *compreensão* tem assim o mesmo sentido que *implicação*, e que *gestaltificação*, como consti

tuição cognitiva -- nos processos de formação de figura e fundo, e na constituição da coisa -- da consciência e ação pré-reflexivas; fenomenológico existenciais dialógicas, enquanto articulações da multiplicidade das possibilidades em seus desdobramentos ativos.

9. A CONSCIÊNCIA E A AÇÃO PRÉ-REFLEXIVAS SÃO DIALÓGICAS

O caráter *dialógico* perpassa toda a momentaneidade instantânea *ação, fenomenação*, da vivência pré-reflexiva da experimentação ontológica, fenomenológico existencial, compreensiva e implicativa, gestaltativa.

A vivência ontológica fenomenológico existencial, a vivência da ação, gestaltificação, se dá toda ela como vivência compreensiva, implicativa, gestaltificativa, no âmbito vivencial da esfera do *inter*, da esfera do *entre*. Que vincula e caracteriza a dualidade de uma relação com a alteridade radical de um tu – no âmbito da relação com a natureza não humana, no âmbito do *inter humano*, e no âmbito da relação com o sagrado --, a dualidade de uma dialógica eu-tu.

Como *acontecer*, a vivência ontológica fenomenológico existencial dá-se no âmbito da ação, no âmbito do desdobramento compreensivo de possibilidades. De modo que dá-se na esfera do *inter* da relação dialógica, processo de desdobramento de possibilidades. Dá-se numa dualidade em que um eu se remete a um tu, da mesma forma que o tu também se remete ao eu. O tu, alteridade radical, desvela-se sucessivamente, como sentido compartilhado, na esfera de sentido do *inter*, do *entre*, que é a relação eu-tu. O eu é igualmente vivência de possibilidade, e desdobra-se na vivência da *interação* com um tu, que, possível, desdobra-se na interação. Este sentido que se desdobra na esfera dialógica do *inter* – *inter humano*, por exemplo -- é o sentido do *dia-lógico*. A produção compartilhada de sentido, como vivência compartilhada de possibilidades, e do desdobramento de possibilidades, na esfera ontológica, fenomenológica, dialógica, do *inter*.

Que se constitui como experimentação e hermenêutica do *eu*, hermenêutica do *tu*, e hermenêutica do *eu-tu*, no âmbito do dialógico.

10. A CONSCIÊNCIA-E-AÇÃO PRÉ-REFLEXIVA, FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL, COMPREENSIVA E IMPLICATIVA, GESTALTIFICATIVA, É ONTOLÓGICA

A cognição, a consciência e ação pré-reflexivas, fenomenológico existenciais, compreensivas, e implicativas, gestaltificativas, estéticas e poéticas, hermenêuticas, são, própria e especificamente, ontológicas. Constituem o modo ontológico de ser humano. A vivência do modo, do ethos, mais característico e definidor do ser humano.

Este ethos é marcado pela vivência cognitiva de possibilidades, e pela vivência do desdobramento de possibilidades. Em particular, assim, pela constituição das possibilidades, em seus desdobramentos, como *sentido*. Como *logos*. *Fe*

nomeno logos, dia logos, epistemo logos, onto logos.

Este *logos*, *sentido*, que se constitui a partir do desdobramento compreensivo e implicativo de possibilidades é a característica mais definidora do humano. Sua característica *ontológica*, portanto.

O *sentido* que originariamente experienciamos neste modo ontológico de sermos, como experiência e experimentação hermenêuticas da consciência e ação pré-reflexivas, é um sentido que, caracterizando o humano, especificamente é *sentido ontológico*.

11. A CONSCIÊNCIA-E-AÇÃO PRÉ-REFLEXIVAS SÃO EPISTEMOLÓGICAS

Vivência fenomenológico existencial e dialógica de sentido, compreensivo e implicativo, gestaltfcativo, cognitivo portanto, a consciência e ação pré reflexivas, eminentemente *lógicas*, são conhecimento. São o modo ontológico de conhecermos.

Conhecimento ontológico, fenomenológico existencial compreensivo e implicativo – pré-reflexivo. Diverso, portanto, do conhecimento explicativo teórico, reflexivo, característico da dicotomia sujeito-objeto.

No âmbito da epistemológica do conhecimento compreensivo e implicativo não estamos ainda no âmbito da dicotomia sujeito-objeto. Mas no âmbito vivencial, não coisificado, da dialógica eu-tu.

Um conhecer compreensivo e implicativo, fenomenológico existencial, é um conhecer sem objeto, é uma ciência sem objeto. Mas um conhecer, uma ciência, no âmbito da dialógica eu-tu. É o acontecer do conhecimento, em sua epistemológica ontológica, fenomenológico existencial, compreensiva, implicativa, gestaltativa. **Epistemológica**, portanto.

12. A CONSCIÊNCIA E AÇÃO FENOMENOLÓGICA É ESPECIFICAMENTE, EM SI, SUPERAÇÃO.

Como observamos, a exaustão da possibilidade, o decaimento, na performance da ação – a desatualização envolvida na atualização, como Buber observa – constitui a coisa em sua instalação. Em sua condição instalativa, a coisa, portanto, é o *acontecido*. É o passado. Que, em sua condição de possibilidade progressivamente exaurida, impossibilidade progressiva, constitui a *angústia*, segundo a elucidação heideggeriana.

Instalativa, **a coisa é virtual**. Porque nela a possibilidade dorme ainda, como a brasa que ainda subjaz à cinza... A própria angústia de sua experiência já é nela o desperatar de possibilidades, do desdobramento de possibilidades, que nela se encontravam instaladas, e ignotas.

O recrudescimento intensional da ação na instalação da coisa já é superação

desta instalação. Superação intrínseca da coisa na finitude de suas possibilidades. O resgate do possível, nos fluxos de sua atualização.

Daí a soberba constatação de Zaratustra⁸:

E eis o que segredou-me a existência, eu sou aquilo que se auto supera indefinidamente...

13. UMA METODOLOGIA GESTALTIFICATIVA É UMA METODOLOGIA QUE ELEGE PRIVILEGIAR A VIVÊNCIA FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL E DIALÓGICA, GESTALTIFICATIVA, COMPREENSIVA E IMPLICATIVA, DA AÇÃO, A SUA AFIRMAÇÃO, COMO AFIRMAÇÃO DA AFIRMAÇÃO. Que é a cognição, a consciência, a ação, pré-reflexivas, fenomenológico existenciais e dialógicas, compreensivas, implicativas: gestaltificativas. Hermeneuticas e experimentais.

A metodologia gestaltificativa, assim, é uma ética e uma metodológica da ação, da atualização, e da superação. Uma estética e uma poética da atualização, da ação, e da superação. Uma estética e uma poética, uma ética, da existência.

Uma metodologia, uma ética, de privilegiamento da criação e de desdobramento da dialógica inter humana da pontualidade momentânea de uma relação fenomenológico existencial. Relação esta que decorre no modo ontológico de sermos, no modo da consciência, da cognição, da ação, pré-reflexivas, fenomenológico existenciais e dialógicas, compreensivas, implicativas, gestaltificativas. Relação que permite e potencializa a vivência fenomenológico existencial experimental, e hermenêutica, de possibilidades; e do desdobramento de possibilidades. Que permite e potencializa a vivência e afirmação do desdobramento da ação, compreensivação.

Uma ética, uma metodologia, que privilegiam a vivência e o desdobramento da ação, da atualização, e da superação, como afirmação da vivência de consciência e da ação pré-reflexivas, que é a vivência fenomenológico existencial e dialógica de possibilidades, e do desdobramento cognitivo de possibilidades, que é compreensiva, implicativa, gestaltificativa.

A metodologia, a ética, gestaltificativas são uma ética e uma metodologia, portanto, que se recusam a privilegiar o modo explicativo de sermos. Uma ética e uma metodologia que se recusam, assim, a privilegiar o modo cientificamente explicativo de sermos; que se recusam a privilegiar o modo teórico de sermos, ou a privilegiar o modo moralista de sermos, o modo pragmático de sermos, o modo comportamental de sermos, o modo técnico, e se recusa, inclusive, a privilegiar o modo realista de sermos – já que é fundada, enquanto total, no modo de sermos do possível, e não o modo de sermos da realidade.

A vivência do desdobramento de possibilidades é em si afirmativa.

⁸ NIETZSCHE, op. cit.

Como forças, as possibilidades são, em seus desdobramentos compreensivos, já, em si, afirmativas. Mas, enquanto tais, as possibilidades são ainda infirmes, e demandam, como tais, a afirmação.

A vivência do desdobramento de possibilidades, a própria ação, é, em si, dialógica. O que quer dizer que é relação eu-tu com a potência, com a possibilidade, com a força emergente, de uma alteridade radical. Que só se desvela no processo de seu desdobramento, de sua atualização. Um processo, portanto, afirmativo e potente. Que envolve a certeza da sua potência. Mas que envolve, também, uma incerteza fundamental quanto aos seus desdobramentos e teleologia.

De modo que afirmar a vivência da força de possibilidades envolve uma disposição tentativa, e o correr o risco da incerteza de seus processos e consequências.

Essa disposição tentativa de correr o risco da incerteza da atualização de possibilidades, esta disposição de tentar, esta disposição de correr o risco do desdobramento da ação, é o que constitui a *experimentação* propriamente dita (do Grego *perire*) especificamente fenomenológico existencial.

De modo, que uma metodologia e uma ética gestaltíficas são uma metodologia e uma ética eminentemente *experimentais*, neste sentido fenomenológico existencial, gestáltico. Que se dispõe, essencialmente, a tentar e a arriscar o desdobramento de possibilidades, o desdobramento da ação, da atualização, e da superação.

A atualização de possibilidades, a vivência do desdobramento de possibilidades, enquanto consciência e ação pré-reflexivas, é especificamente, como sabemos, um processo cognitivo, um processamento cognoscente. Na medida em que, em seus desdobramentos, as possibilidades, própria e especificamente, se constituem como consciência pré-reflexiva, como consciência compreensiva e implicativa.

Este processo de conscientização/ação pré-reflexiva, compreensiva e implicativa, inerente à possibilidade em seus desdobramentos, e que se dá vivencialmente, fenomenológico existencialmente, como um processo implicativo, gestáltico, de formação de figura e fundo, e, no limite, como um processo de formação da própria coisa, na virtualidade de sua coisidade instalativa, é o que entendemos como interpretação, no sentido fenomenológico existencial. É uma hermenêutica – *arte da interpretação*⁹ –, a hermenêutica no sentido fenomenológico existencial, compreensivo e implicativo¹⁰.

De modo que a ética e a metodologia gestaltífica, fenomenológico existencial

⁹ PALMER, Richard *Hermeneutica*. Lisboa: Edições 70. 1999.

¹⁰ HEIDEGGER, Martin *El Ser y El Tiempo*. Madrid, Fondo de Cultura Económica, 1984.

cial e dialógica, compreensiva e implicativa, gestaltificativa, são própria e especificamente uma hermenêutica, uma hermenática compreensiva e implicativa.

14. A VIVÊNCIA GESTALTIFICATIVA, GESTÁTICA, VIVÊNCIA ONTOLÓGICA, FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL E DIALÓGICA É UMA ÉTICA, ESTÉTICA, POIÉTICA.

Com suas características peculiares, a vivência gestaltificativa, compreensiva, implicativa, fenomenológico existencial e dialógica, é um modo radical (de raiz) de sermos. E, como tal, é especificamente uma ética. É estética, e a poiética.

É radicalmente diversa da teorética, por exemplo. Na medida em que, basicamente, a teorética se dá no modo de sermos do acontecido, quando se constituem o sujeito e o objeto. Constituindo-se como a contemplação de um objeto por um sujeito. Ambos não mais um *acontecer*, não mais ação, não mais desdobramento de possibilidades, mas acontecido, especificamente.

A ética estética e poiética da vivência de consciência e ação pré-reflexivas, gestaltificativas, fenomenológicas existenciais e dialógicas, compreensivas e implicativas, é, em particular, acontecer. É da ordem da ação, da ordem do desdobramento de possibilidades.

E, como tal, o acontecer fenomenológico existencial, é especificamente o **jeto, pro-jeto**; o *jeto*, o *jato*, do desdobramento de possibilidades, da ação compreensiva.

E não o *sub-jeto*, ou o *ob-jeto*.

De modo que a experiência gestaltificativa da ação dá-se como a relação dialógica eu-tu da ação compreensiva. E não como dicotomia sujeito-objeto. Tudo que a relação eu-tu não é, é relação sujeito-objeto. Já que é um modo de sermos que é anterior à constituição de ambos, e de sua dicotomização.

A *fenomenética* da experiência gestaltificativa da ação, e da consciência pré-reflexiva, estética, poiética, é também diversa da ética da pragmática, *pragmética*? Já que a pragmática se pauta pelo privilegiamento da utilidade, e da ação funcional.

A fenomenética, a estética, a poiética, em sua característica de ação, e da condição do ator, não são objetivas -- nem subjetivas. São, de um modo diverso de ser, anteriores à constituição do sujeito e do objeto, e anteriores, portanto, ao modo de sermos da utilidade, e da funcionalidade. A ação, estética e poiética, é sempre superação, é disfuncional, é superação, e nunca adaptação, ou ação funcional.

A epistemologia e ética pragmáticas, *pragméticas* (?), se pautam pela utilidade e pela ação funcional. Que, efetivamente, não são da ordem da ação... Na medida em que a ação propriamente dita, como atualização compreensiva de

possibilidades, é inútil, inutilmente produtiva; é compreensiva, fenomenológico existencial, e intrinsecamente disfuncional. Já que é eminentemente, própria e especificamente, **superação**. Não se pautando pela nem pela utilidade, nem pela funcionalidade da adaptação.

15. A VIVÊNCIA GESTALTIFICATIVA, GESTÁTICA, CONSCIÊNCIA E AÇÃO PRÉ-REFLEXIVAS, FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAIS, É FENOMENÉTICA. FENOMENÁTICA. HERMENÊUTICA. HERMENEUTICÁTICA.

A vivência de consciência e a ação pré-reflexivas se constituem como desdobramento compreensivo de possibilidades. Em seus desdobramentos, as possibilidades surgem ainda pré-compreensivamente, no âmbito pré-compreensivo das forças, que a Ontologia, em particular a ontologia fenomenológica de Heidegger designa como Ser. Pré-compreensivas, as possibilidades paulatina e inexoravelmente vão se constituindo como cognição pré-reflexiva, fenomenológico existencial e dialógica, compreensiva e implicativa. Fenomenéticas, fenomenáticas.

Este desdobramento das possibilidades é propriamente hermenêutico, é *hermenático*, é *hermenético*. Própria e especificamente como devir da ação compreensiva. Que especificamente se desdobra da esfera ontológica pré-compreensiva do Ser, para a compreensão -- como processo gestáltico de formação de figura e fundo --; e para o decaimento na esfera ôntica dos seres, dos entes, esfera dos entes coisificados em sua coisidade instalativa.

Processamento cognitivo que representa a emergência de formas inéditas, na sucessão performática dos processos de formação de figura e fundo. Tanto enquanto vivência pré-reflexiva inédita, de formação de figura e fundo; como na constituição da própria coisa como forma inédita, que, mesmo como coisa, é inédita e única, novidade absoluta.

Esta emergência e desdobramento da ação, da possibilidade, é especificamente hermenêutica, hermenética, hermenática. A hermeneutica especificamente compreensiva e implicativa, fenomenológico existencial.

Literalmente, a hermenêutica é *a arte de Hermes*.

Hermes era um dos deuses Olímpicos encarregado, dentre outros encargos, de transmitir e traduzir, interpretar, para os humanos da planície a mensagem dos deuses do Olimpo. Fazia o nexo, assim, entre dois mundos, o dos deuses Olímpicos e dos homens. Por isso Hermes é o artista da interpretação. Interpretação, e hermenêutica, estas que, em termos da ontologia fenomenológica e existencial hermenêutica de Heidegger, é entendida como a vivência compreensiva do desdobramento da possibilidade, como ação e como consciência pré-reflexiva, desde seus níveis pré-compreensivos, passando por seus processos gestálticos, implicativos, compreensivos, e desaguardo na condição instalativa da coisa criada.

De modo que a vivência da ação, pré-reflexiva, fenomenológico existencial e dialógica, compreensiva, gestáltica e implicativa, é a própria experiência da interpretação fenomenológico existencial compreensiva, a própria experiência hermenêutica. Hermenática, hermenética -- *arte da interpretação*, neste caso, especificamente, *compreensiva*. Uma vez que a dialógica da interpretação fenomenológica da ação compreensiva, gestaltificativa, como desdobramento compreensivo de possibilidades, é o trânsito entre as duas dimensões de sermos, a dimensão ontológica, fonte do possível --, e adimensão ôntica. Isto é a existência. Heidegger diria que *o homem é o ser hermenêutico por excelência*.

16. A CONSCIÊNCIA, A AÇÃO, PRÉ-REFLEXIVA É DESPROPOSITAL, É DESPROPOSITIVA, É DESPROPÓSITO; NÃO É DA ORDEM DO MODO DE SERMOS DAS RELAÇÕES DE CAUSA E EFEITO.

A consciência e a ação fenomenológicas, compreensivas e implicativas, gestálticas, dão-se como a vivência dialógica, compreensiva e implicativa, do fluxo do desdobramento compreensivo de possibilidades. Que, experimental, e hermenêuticamente, desvelam-se, na improvisação, em seus sentidos compreensivos e implicativos. Na vivência da ação fenomenológica somos o fluir do devir dos desdobramentos presentes e atuais das possibilidades. Fluir do devir este que não comporta, e que não ocorre no modo de sermos da causalidade, no modo de sermos das relações de causa e efeito. Cujas condições residem no modo de sermos da causalidade instalativa.

A causalidade, as relações de causa e efeito vigoram, assim, no modo acontecido de sermos, no qual, como Buber observa, tudo passa por causa e efeito.

Fora do modo de sermos da causalidade, desproposital, vigora, no desdobramento fenomenológico da ação compreensiva, a experimentação e a hermenêutica fenomenológico existencial, desproposital, despropositiva.

E produtiva, poética, crativa, enquanto tal.

17. A CONSCIÊNCIA, A AÇÃO, PRÉ-REFLEXIVA É INUTILMENTE PRODUTIVA, NÃO É DA ORDEM DO MODO DE SERMOS DOS ÚTEIS, DOS USOS E DAS UTILIDADES.

Um *útil*, um *uso*, uma *utilidade*, são, sobretudo, objetos, são, sobretudo, coisas. Coisas materiais ou coisas mentais. Mas coisas, na virtualidade de sua coisidade instalativa. São objetos, coisas, acontecidos. Constituídos com a exaustão do modo de sermos do acontecer, como acontecidos.

São, assim, antinômicos com relação à consciência pré-reflexiva, com relação à vivência, com relação à ação pré-reflexivas. Na medida em que, a consciência e ação pré-reflexivas, a ação compreensiva, não são da ordem

da coisida de, não são da ordem do acontecido. Mas, própria e especificamente, da ordem da vivência da ação, anterior; da ordem do acontecer; anteriores à condição da coisidade instalativa, acontecida; como vivência compreensiva e implicativa do desdobramento de possibilidades.

O modo de sermos *explicativo*, não *implicativo*, do acontecido, da coisidade instalativa, não é, como a ação compreensiva, produtivo; não é desdobramento de possibilidades, e de sentido; não é hermenêutico, não é poiético.

O produtivo, o hermenêutico, o poiético, são próprios à *atualidade* e à *presença*, características do modo fenomenológico existencial de sermos da vivência compreensiva do desdobramento de possibilidades; são próprios ao modo de sermos da ação compreensiva e implicativa, gestáltica; ao modo de sermos, portanto, do acontecer.

Este modo de sermos, como modo de sermos da atualização, da realização de possibilidades é que, ainda que seja o modo inútil de sermos, é o modo produtivo de sermos. É o modo de sermos da *inutilidade produtiva*, da *inutilidade poiética*.

Apenas quando se esgota a episódica momentaneidade instantânea da ação, apenas quando se esgota o desdobramento compreensivo de possibilidades, do modo de sermos do acontecer, da poiética da inutilidade produtiva -- modo fenomenológico existencial de sermos, compreensivo, implicativo, gestaltificativo --, é que se constitui o modo de sermos do acontecido, o modo de sermos da realidade, dos úteis, dos usos, das utilidades. Que só virtual e instalativamente é possibilidade, desdobramento de possibilidades.

Usamos os úteis, os usos, as utilidades, no modo acontecido de sermos da coisidade instalativa. Mas quando se trata de criarmos, inclusive de criarmos os úteis, os usos e as utilidades, só podemos fazê-lo no modo ontológico de sermos da inutilidade produtiva, modo de sermos poiético da criação, como vivência da atualização de possibilidades. Modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial e dialógico.

18. A CONSCIÊNCIA E A AÇÃO PRÉ-REFLEXIVAS NÃO SÃO DA ORDEM ACONTECIDA DA REALIDADE. A CONSCIÊNCIA E A AÇÃO PRÉ REFLEXIVAS SÃO ACONTECER, ATUALIDADE, PRESENTE E PRESENÇA; ATUALIZAÇÃO, PRESENTIFICAÇÃO, REALIZAÇÃO. NÃO SÃO DA ORDEM DO MODO DE SERMOS DO ACONTECIDO; NÃO SÃO, PORTANTO, DA ORDEM DO MODO DE SERMOS DA REALIDADE.

A realidade é a dimensão coisificada, reificada e realizada, do *acontecido*. Esfera da instalação da coisa, é a esfera do *ente*, a esfera ôntica (do *ente*), do acontecido. Que se constitui em seguimento ao acontecer.

A ação, o desdobramento compreensivo da ação, como desdobramento com preensivo e implicativo de possibilidades, é o *acontecer*. *Ação cognitiva*, o acontecer não é o modo de sermos da coisa, do *ente*; mas o modo de ser, própria e especificamente, do pré-ente, do presente.

O *acontecer* da vivência ontológica fenomenal não é da ordem da coisa, não é da ordem da coisidade instalativa, não é da ordem do acontecido, do realizado, do atualizado. Não é, portanto da ordem da realidade. Mas da ordem da consciência pré-reflexiva da ação, da ordem da vivência que é anterior à objetividade e à subjetividade. Modo dialógico, fenomenológico, ontológico, de sermos do ator, do *inspector*. Modo de sermos do presente e da vivência do desdobramento do possível. Enquanto que a realidade é, própria e especificamente, o modo de sermos do passado.

Assim, o modo de sermos da ação compreensiva e implicativa é o modo de sermos do presente, da presença e da atualidade, e não o modo passado de sermos da realidade. Acontecido, coisidade instalativa, o modo de sermos da realidade não é ação compreensiva, não é a momentaneidade instantânea do acontecer do desdobramento compreensivo e implicativo de possibilidades.

19. OTIMIZAÇÃO DA GESTALTIFICAÇÃO

Podemos dizer que, arriscada e tentativa, fenomenológico existencial experimental e hermenêutica, a experiência vivencial, fenomenológico existencial, tem um caráter de qualidade, de qualificação e de otimização.

A qualidade de sua expressividade plástica, criativa e poieticamente produtiva, é o critério.

A vivência de possibilidades é vivência múltipla e multiplamente articulada de forças, de possibilidades em desdobramento, que se aperfeiçoam nas organizações estéticas e poéticas de suas expressões, como processos de formações de figura e fundo. A integração e a qualidade expressiva e hermenêutica da vivência decorrem da qualidade estética e poética, da vivência de sua característica gestaltativa.

O caráter gestaltificante da experiência da ação fenomenológica é que permite a qualidade da expressividade de suas forças, forças plásticas, na qualidade e sutileza de suas formas, e dos processos de suas formações.

As possibilidades que geram, na vivência de seus desdobramentos, as formas da consciência, enquanto processos de formação de figura e fundo, e mesmo a forma *final* das coisas, em suas instalatividade, são múltiplas sempre, e articuladas gestalticamente, compreensiva e implicativamente. E são sutis e detalhadas nas expressões de suas intensidades plásticas. Sutileza e detalhação que decorrem da intensidade da absorção na momentaneidade instantânea da gestáltica da ação, enquanto vivência compreensiva do desdobramento de possibilidades.

De forma que a qualidade, e a otimização da qualidade, de sua expressividade dependem da intensidade da entrega à vivência de seus desdobramentos expressivos, como qualidade da entrega afirmativa a seus processos fenomenológicos, compreensivos e implicativos, de formação de figura e fundo. Como qualidade, qualificação, otimização, de seus processos implicativos e compreensivos, *inspectativos*, de gestaltificação.

E, naturalmente, esta qualidade de gestaltificação da atualização das possibilidades, de gestaltificação das potências, de gestaltificação das intensidades, decorre e depende do modo, e da intensidade, com que podemos nos absorver na estética da implicação da vivência fenomenológico existencial compreensiva; momentaneamente nos descolando, desportando, na navegação da atualização do possível, do modo explicativo de sermos (...).

20. AÇÃO COMPREENSIVA E IMPLICATIVA, PRÉ-REFLEXIVA, E O COMPORTAMENTO. A ação pré-reflexiva, fenomenológico existencial e dialógica, ontológica, compreensiva e implicativa, não é o comportamento. Comportamento e ação são distintos.

O *comportamento*, como modo de sermos da atividade padronizada e repetitiva, acontecida, portanto, é *com-portamento*. É *com-porto*. A ação e a consciência pré-reflexivas são *des-portamento*.

Como modo de sermos da atividade padronizada e repetitiva, o comportamento se dá como repetição no modo acontecido de sermos. No qual, quanto mais padronizada e repetitiva a atividade, menos consciente. Quer se trate da consciência teórica, relação sujeito objeto; ou da consciência poética, estética -- dialógica.

O *porto* do acontecido, o *porto* do passado, é o porto do

com-portamento. Já a consciência e ação pré-reflexivas são um

***desportar*.**

Presente, vivência fenomenológica, enquanto desdobramento de possibilidades, a ação compreensiva é, especificamente, um desportar, um desportamento do passado, do acontecido. Nos fluxos dos desdobramentos compreensivos de possibilidades.

O *estésico* é um vento que sopra na Grécia numa época do ano, e que impulsiona as velas dos navios, levando-os a desportarem. Marítimos, filosóficos, e artísticos, os Gregos fizeram metáforas marítimas na concepção da consciência e da ação pré-reflexivas.

Como elas são impulsionadas pelas gestalts, pelas implicações, pelas articulações gestalticas das forças do desdobramento das possibilidades, eles associ

aram a vivência do desdobramento de possibilidades, ao impluscionamento das velas dos navios pelo vento *estésio*, que os leva a desportarem na navegação. O modo fenomenológico existencial de sermos foi por eles designado, assim, de *estesia*, a experiência de vivência da ação compreensiva. A experiência deste modo de sermos é, própria e especificamente, a experiência estética.

De modo que, à força das possibilidades, o modo fenomenológico existencial de sermos, modo estético de sermos, modo poiético de sermos, é um desportar, um *desportamento*, e *navegação*, à força do desdobramento compreensivo do possível, do potente, da gestáltica fenomenológica da ação.

Assim, se distinguem, em essência, o modo de sermos do *com-portamento* – modo de sermos acontecido, passado, da repetição --; e o modo de sermos do *des-portamento*: modo especificamente de sermos do presente, da atualidade e da presença, do desdobramento compreensivo de possibilidades, da consciência e da ação pré-reflexivas.

CONCLUSÃO

É, assim, característico da experiência e da experimentatividade da metodologia gestaltificativa o privilégio da experiência cognitiva da ação compreensiva implicativa, gestáltica. É característico da metodologia gestaltificativa o dar-se, assim, como vivência do *acontecer fenomenológico* da ação compreensiva e implicativa. Como desdobramento de possibilidades, na vivência do modo ontológico de sermos.

Modo este de sermos que é anterior à condição coisificada do sujeito, e do objeto, e da dicotomização entre eles. A dicotomização sujeito-objeto permite a teórica -- como modo propriamente *reflexivo* de sermos. Na vivência do modo teórico de sermos, a teoria se constitui como a contemplação que um sujeito faz de um objeto, no modo coisificado de sermos do acontecido; modo de sermos que constitui, com o seu caráter acontecido e coisificado, as condições do sujeito e do objeto.

A experiência e a experimentação da metodologia gestaltificativa não são, portanto, explicativamente teóricas, mas, vivência ativa, compreensiva, e implicativa.

Guardam, portanto, as características desse modo de sermos, da ação, da atuação, fenomenológica existencial e dialógica.

Características como a de darem-se, enquanto experiência e experimentação, no modo de sermos implicativo, anterior ao modo de sermos explicativo da teórica e do comportamento. A característica de darem-se, assim, anteriormente ao modo de sermos da ciência explicativa, e do moralismo. A característica de darem-se anteriormente às condições do sujeito e do objeto. De darem-se anteriormente ao modo de sermos da causalidade. A característica de darem-se,

da mesma forma, anteriormente ao modo de sermos utilidade. Guardam a característica de darem-se no modo hermenêutico e fenomenológico existencial de sermos, anteriormente ao modo de sermos da técnica. E a de darem-se anteriormente ao modo acontecido e explicativo de sermos da realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUBER, Martin. **Eu e Tu**. São Paulo, Cortês, 1983.
- BUBER, Martin. **Do Diálogo e do Dialógico**. São Paulo. Perspectiva, 1985.
- DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a Filosofia**, Rio, Ed. Rio, 1975.
- HEIDEGGER, Martin. **El Ser y el Tiempo**. Madrid, Fondo de Cultura Económica, 1984.
- NIETZSCHE, Frederich. **Assim Falou Zaratustra**, Mira-Sintra, Europa América, 1978.
- PALMER, Richard. **Hermeneutica**. Lisboa: Edições 70. 1999.
- PAZ, Octavio. **El Arco e La Lira**. Fondo de Cultura, Mexico, 2002.

Endereço para correspondencia

Afonso Henrique Lisboa da Fonseca

E-mail: affons@uol.com.br

Recebido em: 08/10/2012

Aprovado em: 17/12/2012